

Auto da Barca do Purgatório de Gil Vicente

FIGURAS: Anjo, Arrais do Céu. Diabo – Arrais do Inferno. Companheiro do Diabo, Lavrador, Marta Gil – regateira, Pastor, Moça Pastora, Menino, Taful, Três Anjos.

Esta segunda cena é atribuída à embarcação do Purgatório. Trata-se por lavradores. Foi representada à muito devota e católica Rainha D. Lianor no Hospital de todo os Santos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, era do Senhor 1518.

Primeiramente entram três Anjos, cantando o romance seguinte, com seus remos:

«Remando vão remadores
«Barca de grande alegria;
«O patrão que a guiava
«Filho de Deus se dizia;
«Anjos eram os remeiros,
«Que remavam à profia.
«Estandarte de esperança:
«Ó quão bem que parecia!
«O masto de fortaleza
«Como cristal reluzia;
«A vela, com fé cosida,
«Todo mundo esclarecia;
«A ribeira mui serena,
«Que nenhum vento bulia.»

E logo entra o arrais do Inferno, e diz:

DIABO – Ah santo corpo de mi,
Corpo d mi consagrado!
Como está isso assi
Sem ninguém estar aqui
Neste meu porto dourado,
Agora que está breado
De novo o caravelão,
Espalmado e aparelhado,
Mais largo bô quinhão
Que passado?!

Quanto mais se chega a fim
Do mundo, a todo andar,
Tanto a gente é mais ruim;
E juro ó corpo de mim
Que já canso de remar.
Cumpre-me de aparelhar

Um valente barinel,
 Ou ùa nau singular,
 Em que possa mais levar
 Que um batel.

E não remar senão tal via;
 E depois haver carraca,
 Que cobiça e simonia,
 Enveja e tirania;
 Nenhúa delas afraca.
 Ala, ala! Saca, saca!
 A terra, à terra, mortais!
 Cerrar o leme esta banda
 E não curar de outro cais;
 Porque a lei dos mundanais
 Isto manda.

ANJO – Quem quer ir ó Paraíso?
 À Glória, à Glória, senhores:
 Ó que noite pera isso!
 Quão prestes, quão improviso
 Sois celestes moradores!
 Aviai-vos, partir,
 Que vossa vida é sonhar,
 E a morte ê despertar
 Pera nunca mais dormir
 Nem acordar.

Este rio ê mui escuro,
 Não tendes vau nem maneira;
 Entrai em barco seguro,
 Havei conselho maduro,
 Não entreis em má bateira;
 Que na viagem primeira
 Quantos vistes embarcados
 Todos foram alagados:
 No mais fundo da ribeira
 São penados.

Pois não se pode escusar
 A passada deste rio,
 Nem a morte se estorvar
 Que é outro braço de mar
 Sem remédio nem desvio;
 E o batel dos danados,
 Porque naceu hoje Cristo,
 Está, cos remos quebrados,
 Em seco. Ó descuidados,
 Cuidai nisto.

Agora que a madre pia,
 Frol de toda perfeição,
 Está com tanta alegria,
 Pedi a sua senhoria
 Gloriosa embarcação,
 Que sua é a barcagem.
 Pedi-lhe como avogada,
 Per lacrimosa linguagem,
 Que nos procure viagem
 Descansada.
 Fala-lhe com alegria,
 Canta-lhe como souberes,
 Visita a Virgem Maria,
 Nossa via, nossa guia,
 Frol de todas as mulheres.
 Quando aqui lhe apareceres,
 Roga-lhe que te apareça
 Com piadosos poderes,
 Porque a alma que tiveres
 Não pereça.

DIABO – Que ora meter à vela
 E deitar a prancha fora
 E arrumar a caravela
 E deitar do junco dela,
 Se vier qualquer senhora.
 E que é isto na má ora?
 E o batel está em seco!
 Ó renego de Samora
 O rio se encaremelou!
 Nunca tal me aconteceu.
 Hou bota, hou bota, hou!
 renego de são grou
 E de são pata do céu!
 Arrenego eu do dinheiro
 Que ganho nesta viagem;
 Arrenego da barcagem
 E do cornudo barqueiro!

Vem um companheiro do arrais do Inferno, e diz:

Parceiro gur gur garao.
 DIABO – Porquê?
 COMPANHEIRO – Porque é assi.
 DIABO – Ora bota, hou, bota, hao!
 COMPANHEIRO – Eu só botara ùa nau
 Cam este dedo sem ti;
 Mas sabe que este serão
 É pera nós grande praga
 E trabalhamos em vão,

Porque a promessa de Abraham
Hoje é a paga.

Vem um lavrador com seu arado às costas, e diz:

LAVRADOR – Que é isto? Cá chega o mar?

Ora é forte cagião.

DIABO – Alto, sus, quereis passar?

Ponde hi o chapeirão

E ajudareis a botar.

LAVRADOR – Da morte venho eu cansado

E cheo de refregéreo,

E não posso mal pecado.

DIABO – Põe eramá hi o arado.

LAVRADOR – Perém é gram mestéreo.

Se eu trouguera mais vagar

Sorria-me eu tamalavez.

DIABO – E vós, vilão, quereis zombar?

Se vos eu arrebatat?

LAVRADOR – Dou-te eu muito de mau mês.

Como eu a morte passei,

Logo o medo ficou finto.

Enha cédula amanhei.

E meus negócios deixei

Como homem de bô retinto.

Nem fico a dever duas fanas,

Nem um preto por pagar.

Din. E os marcos que mudavas,

Dize, porque os não tornavas

Outra vez a seu lugar?

LAVRADOR – E quem tirava do meu

Os meus marcos quantos sam

E os chentava no seu,

Dize, pulga de Judeu,

Que lhe dizias tu er então?

DIABO – Foste o mais ruim vilão.

Vós mentis coma cabrão.

Quer me queirais mal, quer não,

Não dou por isso um cornado.

DIABO – Pois porque vens carregado?

LAVRADOR – Porque seja conhecido

Por lavrador muito honrado.

E tenho a gloria merecido;

Que sempre fui perseguido

E vivi mui trabalhado.

Ha hi, pesar não de sam,

Affício mais fortunado?

Diu. Pois pera que é o vilão?

Lat,. Todos nós vimos de Andrã.

DIABO – Pousa, pousa aí o arado.

LAVRADOR – Juro a... Sam Junco sagrado
Que te chante um par de quedas.

DIABO – Aqui há-de ir embarcado.

La. Vai beijar o meu bragado
Antre as sedas.

DIABO – Que vilão tão descortês!

LAVRADOR – E vós sois mui deneguil!

Dou eu já ora ó Decho o freguês.

DIABO – Donde vilão, comigo irês
Onde estão de vós dez mil.

LAVRADOR – E vós, dum rosto de funil,
Cuidareis que sois alguém?

ANJO – Vinde cá, homem de bem;
Pera onde quereis ir?

LAVRADOR – Queria passar além,
Pera a glória do Senhor.

Samicas de lá serês?

ANJO – E vens tu merecedor?

LAVRADOR – E que fez lá o lavrador
Pra andar ca ó través?

ANJO – Pode ser mui austinado
E não querer-se arrepender.

LAVRADOR – Bofá, Senhor, mal pecado;
Sempre é morto quem do arado
Há-de viver.

Nós somos vida das gentes
E morte de nossas vidas.

A tiranos, pacientes,
Que à unhas e à dentes
Nos tem as almas roídas.

Pera que é parouvelar?
Que queira ser pecador

O lavrador,
Não tem tempo nem logar
Nem somente de alimpar
As gotas do seu suor.

Na ergueija bradam co ele
Porque assoviou a um cão,
E logo a excomunhão na pele.

O fidalgo maçar nele,
Atá o mais triste rascão.
Se não levam torta a mão
Não lhe acham nenhum direito.
Muito atribulados são!
Cada uma péla o vilão
Per seu jeito.

Trago a prepósito isto
Perque veo a bem de fala,

Manifesto está e visto
 Que o bento Jesu Cristo
 Deve ser homem de gala;
 E é rezão que nos valha
 Neste serão glorioso
 Que é gram refúgio sem falha.
 Isto me faz forçoso
 E não estou temeroso
 Nemigalha.

ANJO – Que bens fizeste na vida
 Que te sejam cá guiantes?
 LAVRADOR – Ia ao bodo da ermida
 Cada Santa Margaída
 E dava esmola aos andantes;
 Benzia-me pola menham
 Levava o credam ate ó cabo
 DIABO – Depois tomavas a lã
 Da [milhor] e a mais sã
 E davas ó dízimo a do rabo.

Temporã.
 E o mais fraco cabrito
 E o frangão ofegoso,
 Com repetenado sprito.
 LAVRADOR – Ó fideputa maldito,
 Triste avezimão tihoso,
 Lano pecador e errado!
 Não, vai, não m dezimei?
 Dize, sabujo pelado.
 DIABO – Tornaste tu o mal levado?
 LAVRADOR – Si, tornei.
 E de tudo fiz aquesta,
 Como homem diz, avantairo;
 Leixei ó cura a enha besta;
 Abonda que nem aresta
 Terá comigo o cossairo.
 Um anal e um trintairo,
 Com raponsos, ladainhas;
 A Gil fiz todo repairo
 Com missas e aniversairo
 Trinta dias.
 Perol que dizeis vós lá?
 Sejo eu como deve ser,
 Ou que modo se terá?
 ANJO – É mui caro de haver cá
 Aquele eternal prazer.
 LAVRADOR – Já o eu lá ouvi dizer.
 Perol o evangelho diz:
 Quem for bautizado e crer
 Salvos es. Ora dizer,

Sede juiz.
 Pois *quia infernus es*
Nulla redencia há hi,
 Vede vos o que dizeis;
 Que a mim já me pruem os pés
 Pera me passar de aqui,
 ANJO – Digo que andes assi
 Purgando nessa ribeira
 Até que o Senhor Deus queira
 Que te levem pera si
 Nesta bateira.
 LAVRADOR – Bofá: logo quisera eu,
 Que me atromenta este arado;
 E dera muito o meu,
 Pois que já hei-de ser seu,
 Tirar-me deste cuidado.
 Ó mundo, mundo enganado,
 Vida de tão poucos dias,
 Tão breve tempo passado,
 Tu me trouveste enganado
 E me mentias.
 DIABO – Inda esta barca não nada?
 Que festa esta pera mi!
 Nunca tal balcarriada,
 Nem maré tão desestrada
 Nesta ribeira não vi.

Vem ùa regateira, per nome Marta Gil, e diz:

MARTA – Hui! que ribeiros são estes?
 DIABO – Venhais embora, Marta Gil.
 MARTA – E donde me conhecestes?
 DIABO – Folgo eu bem porque viestes
 Oufana e dando ó quadril.
 MARTA – Vedes outro perrexil!
 E marinheiro sodes vós?
 Ora assi me salve Deus
 E me livre do Brasil,
 Que estais sutil.
 Em que eu seja lavradora,
 Bem vos hei-de responder.
 DIABO – Não vos agasteis vós ora,
 Que, ou lavradora ou pastora,
 Aqui vos hei-de meter.
 MARTA – Hui, mana! E quem no deu?
 Ide beber...
 Que bem vos conheço eu.
 DIABO – E eu também vos sei nacer,
 E vi fataxas fazer;
 Que o que trazeis é meu

E há-de ser.

MARTA – E que cousas são fateixas?

Fateixado te veja eu!

DIABO – Os feitos que feitos leixas,

E o povo cheo de queixas.

MARTA – Cal'te, almáreo de Judeu.

DIABO – Não sabes tu que viveste

Lavradora e regateira?

MARTA – Ora comede-la, que vos preste.

Hui! E que gaio c ora este

De ribeira?

Sabedes vós, João Corujo?

Todos fazem seu proveito.

Olhade o frei Caramujo,

Bargante que não tem cujo!

Quanta agora é o feito feito.

Não sabes tu que o respeito

Do mundo é em ganhar?

E sobre isso é seu proveito

Ou a torto ou a dereito

Apanhar.

Fui em tempo de cobiça

Cada tempo sua usança;

Se eu morrera de preguiça,

Tiveras muita justiça

E eu pequena esperança.

Vendia minha lavrança,

Um ovo por dous reais;

Um cabrito, se se alcança,

Té quatro vinténs, não mais:

Tendes vós isto em lembrança?

Um frangão por um vintém,

E ùa galinha sessenta;

E acerta-se também

Que às vezes vem alguém

Que as leva por setenta.

DIABO – E pera que era água no leite

Que deitavas ieramá?

MARTA – Mas azeite,

Inda hoje o ele dirá!

Vistes ora o diabreite!

Ó diabo, visses tu,

Bofé asinha o eu direi.

Como é palreiro, Jesu!

Fora este cucurucu,

Bom sacretário de el Rei.

Amanhade-lhe o atafal.

Nadar, patas, patarrinhas,

Corregede-lhe o enxoval;

Onças de raiva mortal;

Nas badarrinhas.

DIABO – Valha-te a ti Marta amiga,

Que estamos enfeitiçados.

MARTA – Embarcade lá esta figa.

DIABO – Passará esta fadiga,

Seremos desembargados.

MARTA – Anjos bem-aventurados,

Meterei o canistrel,

Que trago os testos britados?

Carregam estes pecados

Que fazem lançar o fel

A bocados!

ANJO – E pera que eram eles cá?

MARTA – Pera o Demo, e que sei eu?

ANJO – Ora pois, embarca lá.

MARTA – Melhor creo eu que será.

Jesu! Jesu! Benzo-me eu.

Ó bento Bertolameu!

E vós, Virgem do Rosairo,

Polo filho que Deus vos deu

Esta noite vosso e Seu,

Haja reparo.

Bem sabedes vós, Senhora,

Que venho eu manifestada,

E fui vossa lavradora;

Em que pecasse algũa hora,

Venha a piadosa alçada.

Esta é a noite que paristes:

Benta a hora em que nacestes;

Esqueçam meus males tristes

Polo Menino que vestistes

E embolvestes.

Anjos, ajudade-me ora.

Que nos veja eu bem casados;

Não me deixedes de fora,

Por aquela santa hora

Em que todos fostes criados.

ANJO – Não é tempo cá de orar,

Canta pera merecer.

MARTA – Manos, eu quero provar

Que em todo tempo há lugar

O que Deus quer.

E este serão glorioso

Não é de justiça, não,

Mas todo mui piadoso,

Em que nasceu o esposo

Da humanal geração;

E a barca de Satam

Não passa hoje ninguém,

E per força hei-de ir além,

So pena de excomunhão
 Que posta tem.
 ANJO – Grande cousa é oração:
 Purga ao longo da ribeira,
 Segura de danação,
 Terás angústia e paixão
 E tormento em gram maneira.
 Isto até que o Senhor queira
 Que te passemos o rio.
 Será tua dor lastimeira,
 Como ardendo em gram brasio
 De fogueira.
 MARTA – ó esperança, esperança,
 A mais certa pena minha
 Com toda esta segurança!
 Tu és a mesma tardança
 Em figura de mezinha.
 Ó quem tal arrepender,
 Tal maneira de penar
 Lá soubesse no viver!
 ó quem tornasse a nacer
 Por não pecar!

Vem um pastor, e diz, olhando pera a barca do imigo:

Isto é cancelo ou picota,
 Ou sonefica algorrém?
 Não lhe marra ela aqui gota
 De ser isto terremota
 Pera enforcar alguém.
 DIABO – Queres embarcar, pastor?
 PASTOR – Praz.
 DIABO – Entra neste batel.
 PASTOR – Irra! Pulha é isso, salvaror:
 Se eu não fora pulhador,
 J'ela passava o burel.
 Digo, senhor pesadelo,
 (Vós sabereis isto bem)
 Estando em Val de Cobelo,
 Deu-me dor de cotovelo,
 Emperol morri perém,
 E fui-me per esse chão
 A Deus douche alma dizer,
 Com meu cacheiro na mão,
 Sem sois motrete de pão,
 Nem fome pera o comer
 Se vem à mão.
 E vinha ora bem descado?
 De topar mar nem marinha.
 Avonda, espantalho honrado,

Ao morrer deixei o gado
 E ó amo e quanto tinha;
 Senão anda que te vás
 Enha mãe nega gritar
 E chorar que chorarás.
 Agora quero passar:
 Perém não me levarás.
 DIABO – Porquê?
 PASTOR – Sois busaranha,
 E mais fede-vo-lo bafo,
 E jogatais de gadanha,
 E tendes modão de aranha,
 E samicas sereis gafo,
 DIABO – Gafo eu?
 PASTOR – Abém.
 Não hei de ir pera cajuso,
 Em que me custe alorrém,
 Chinfrão ou meo vintém,
 Ir dereito como o fuso
 Pera além.
 DIABO – Dize, rústico perdido,
 Fizeste tu por saber
 O *pater noster* comprido?
 PASTOR – E pera que era ele sabido?
 DIABO – Porque o havias de dizer.
 PASTOR – A quem?
 DIABO – A quem te criou
 PASTOR – A tem ele que comer.
 DIABO – Não fizeste o que mandou.
 PASTOR – Calai-vos, senhor João Grou:
 Já sei quem me há-de levar,
 Sei quem sou.
 Esta noite é dos pastores,
 E tu, Decho, estás em seco;
 E salvam-se os pecadores,
 Criados de lavradores,
 E tu estás coma peco.
 DIABO – Digo-te, pastor amigo,
 Que foste gram pecador
 PASTOR – Senhor tartarugo, digo
 Que mentis como bestigo,
 Salvanor.
 Fala em tua merencória,
 E não fales em passar,
 E conta lá outra história;
 Porque em festa de tal glória
 Não hás ninguém de levar.
 Ronca ques tu pôr começo,
 Alorrém pera beber?
 Que vens de casta de pego

E neto de algum morcego:
 Pardicas não pode al ser.
 DIABO – Não estou em meu poder
 Pera me vingar de ti.
 PASTOR – Não podes nada fazer
 Na noite que quis nacer
 Cristo, filho de Davi.
 DIABO – Quem te pôs no coração
 Falares cousa tão boa,
 Que tu não tens descrição?
 PASTOR – E quem te deu a ti lição
 De ser tão ruim pessoa?
 ANJO – Pastor, tu queres passar?
 PASTOR – Este é melhor artesão.
 ANJO – Folgarei de te levar
 Se te ajuda o bem obrar,
 Que as obras remos são.
 PASTOR – Enha mãe mo bradará
 Que fica no saimento,
 E o raponso do mamento;
 E tudo s'a Gil fará
 Com bom tento.
 ANJO – Morreste tu bom cristão?
 PASTOR – Que sei eu que vós dizeis?
 ANJO – Dize ora o *crieleysam*,
Quirieleyson, Christeleysam.
 PASTOR – O *Pater noster* quereis?
 Já eu soube bom quinhão dele:
 No santo faceto andei já,
 E nunca me dei per ele;
 E a ave Maria á par dele
 Soube eu lá já tempos há.
 E fui assi por ela andando
 Nos *intes vitus* cajuso;
 Ali andava eu sandejando
 Esvaecendo e cansando:
 Então dei à treva o uso.
 Assaz avonda ao pastor
 Crer em Deus e não furtrar,
 E fazer bem seu lavor,
 E dar graças ao Senhor,
 E fugir de não pecar.
 E crer na igreja assi junta
 Com paredes e telhados,
 Alicéceres e furados;
 E não curar de pergunta,
 E dar ó Demo os pecados.
 Eu nunca matei, nem furtei
 Nega uvas algüa hora,
 Nem nunca xemeriquei,

Nem xeremicos falei
 Como lá se usa agora.
 DIABO – Vai, vai cantar à gamela:
 Não andavas tu namorado
 Perdido por Madanela?
 PASTOR – E pois que lhe fiz ela
 Pera dizer que é pecado?
 Ûa vez armei-lhe o pé
 Na chacota em Vilarinho,
 E ainda pola abofé
 Costança Anes, que viva é,
 Me meteu naquele alinho.
 DIABO – Não na foste tu esperar
 Pera a danares, vilão?
 E começou de bradar
 Que a querias forçar?
 PASTOR – Ó fideputa cabrão!
 Quisera eu e ela não,
 Porque a tredora fugiu.
 E, se isto assi foi, ladrão,
 Que pecado se seguiu,
 Pois não houve concrusão?
 Juro ao corpo verdadeiro
 Que tu te podes gabar
 Que casado nem solteiro
 Não anda tão vil barqueiro
 Sôbolas águas do mar.
 Soma, Anjo, eu me enfestei:
 Abarrúncio Satanás!
 ANJO – Faze o que te eu direi,
 E depois embarcarás
 E eu mesmo te passarei:
 Purga ao longo do rio
 Em grão fogo, merecendo.
 PASTOR – E quando parte o navio?
 Senhor, se eu não tenho frio,
 Pera que hei de estar ardendo?

Vem ùa pastora menina, e, temendo a visão do imigo que lhe apareceu na morte,
diz:

Jesu! Jesu! Que é ora isto
 Ave Maria! ave Maria!
 Que do meu cão que eu trazia?
 Ó chagas de Jesu Cristo
 Vão em minha companhia!
 En sonho! Triste de mi!
 Ó coitada, como tremo!
 Minha mãe, valei-me aqui,
 Que, quando de vós parti,

Não cuidei de achar o demo.
 Mais angústia é o temor
 Do imigo que o da morte:
 Tomo a Deus por valedor.
 Pois me cortas e dás dor,
 Má mazela que te corte.
 DIABO – Muchacha, venhas embora.
 MOÇA – Mas a negra, pois te vejo
 ó desaparece-me ora,
 Que faleci inda agora
 Em mui perigoso ensejo.
 Porque era moça cuidei
 Que da velhice gouvira:
 E com tal dor acabei
 Que de mi parte não sei
 Nem tenho ponta de sira.
 Não sei quem me há-de ajudar,
 Não sei quem me há-de valer,
 Não sei quem me há-de passar,
 Não sei se me hão-de matar
 Outra vez, ou que há-de ser.
 Tir-te diante de mi,
 Verei os anjos de Deus.
 DIABO – Entrai vós, filhinha, aqui.
 MOÇA – ó cal'-te. Triste de mi!
 DIABO – Eu vos levarei aos céus:
 Entrai, minha Policena;
 Não temais nada, senhora,
 MOÇA – Arre lá! Uxté Morena!
 DIABO – Ó minha Rainha Helena,
 Entrai e vamo-nos ora.
 MOÇA – Cal-te, cal-te na má hora!
 Cuidas que me hás-de enganar
 Porque assi me vês pastora?
 DIABO – Entrai, minha matadora,
 Pois que Deus vos quis matar.
 MOÇA – Não vedes vós o quebranto
 Que se quer pôr em feição!
 DIABO – Olhai, flores, não me espanto
 Que me digais sete tanto:
 Padeça meu coração
 O porvir e o presente.
 Senhora, por concurusão,
 Não quero de vós somente
 Senão dardes-me essa mão
 Se disso fordes contente:
 E, se me eu gabar de vós,
 Má pesar veja eu de mi.
 E iremos ambos sós
 Onde estão vossos avós.

Ora entrai, ireis aqui.
 MOÇA – Jesu! Jesu! Raiva na casta!
 Comendo ó decho a amargura!
 Mãe de Deus, como me agasta!
 Má ravugem na tarasca,
 Espezinha, triste, escura!
 ANJO – Leixo pastora: vem cá.
 DIABO – Como estou hoje mofino
 E sem dita ieramá!
 Mas algum dia virá
 Que eu estarei mais fino.
 MOÇA – ó anjos, minha alegria,
 Vista de consolação!
 Por virtude e cortesia
 Ensinai-me per que via
 Passarei à salvação.
 ANJO – Conhecias tu a Deus?
 MOÇA – Muito bem, era redondo.
 ANJO – Esse era... o mesmo dos céus.
 MOÇA – Mais alvinho que estes véus:
 O vi eu vezes avondo.
 Como o sino começava,
 Logo deitava a correr.
 ANJO – Que lhe dezas?
 MOÇA – Folgava.
 E toda me gloriava
 Em ouvir missa e o ver.
 ANJO – Pastora, bom era isso.
 DIABO – Era a mor mexeriqueira
 Gulosa, que de improviso,
 Se não andavam sobre aviso,
 Lá ia a cepa e a cepeira.
 E mais, quereis que vos diga?
 É refalsada e mentirosa.
 MOÇA – Era ainda rapariga.
 DIABO – Se tu foras minha amiga
 Eu me calara, tinhosa.
 MOÇA – ó anjos, levai-me já,
 Tirai-me deste ladrão!
 ANJO – Não podes ainda ir lá.
 MOÇA – Tão moça, hei de ficar cá?
 Não parece isso rezão.
 ANJO – Vai ao longo desse mar,
 Que é praia purgatória;
 E quando a Deus ordenar
 Nós te viremos passar
 Da pena à eterna glória.

Vem um menino de tenra idade, e diz:

MENINO – Mãe, e o coco está ali!
 Querês vós estar quedo, quele?
 DIABO – Passa, passa tu per hi.
 MENINO – E vós quereis dar em mi?
 ó demo, que o trouxe ele!
 DIABO – Bé, mé, filho da puta,
 Vós estais muito garrido!
 Tirar-vos-ão, dom perdido,
 Dos olhos a marmeluta.
 MENINO – Eu vos tomarei a vós
 À porta de minha tia;
 Entonces veremos nós
 Os cães de vossos avós
 Que estavam na mancebia.
 DIABO – Bé.
 MENINO – Mãe, se ele quer-me comer
 E meu pai não vos dará?
 DIABO – Bé.
 MENINO – Dona, se lho eu disser...
 E ela matar-vos-á:
 Então ireis a morrer.
 DIABO – Bé.
 MENINO – Aquele, se eu chamar
 O nosso Joane!
 DIABO – Bé.
 MENINO – Não queres senão berrar?
 DIABO – Onde hás-de ir ou para que?
 MENINO – Fica minha mãe chorando,
 Só porque me eu vim de lá.
 ANJO – Mas fica desvariando,
 Que tu és do nosso bando,
 E pera sempre será.
 Fez-te Deus secretamente
 A mais profunda mercê
 Em idade de inocente:
 Eu não sei se sabe a gente
 A causa por que isto é.

Cantando, metem os Anjos ó menino no batel, e entra um taful, e diz o diabo:

DIABO – Ó meu sócio, e meu amigo,
 Meu bem e meu cabedal:
 Vós, irmãos, ireis comigo,
 Que não temestes o perigo
 Da viagem infernal.
 TAFUL – Eis aqui flux de um metal.
 DIABO – Pois sabe que eu te ganhei.
 TAFUL – Mostra se tens jogo tal.
 DIABO – Tu perdes o enxoval.
 TAFUL – Não é isto flux com rei.

DIABO – Baralha o jogo e partamos.
 TAFUL – Paga, que eu não jogo em vão.
 DIABO – Lá no frete descontamos:
 Quer ganhemos, quer percamos,
 Tudo nos fica na mão.
 TAFUL – Muito me agasto eu aqui,
 Que tu tens mui mau semblante;
 E pareces-me enfim
 Por da ré muito ruim,
 E malino por de avante.
 DIABO – Mas tornemos a jogar,
 Porque tenho saudade
 De te ouvir arrenegar
 E descrer e brasfemar
 Do mistério da Trindade,
 TAFUL – Aramá, como tu falas
 Tão senhor desta alma minha!
 DIABO – Não sei como agora calas
 Renegando a soltas alas
 De Deus e da ladainha.
 Este dia e as oitavas,
 Por paços, salas e cantos,
 Ó quanta glória me davas,
 Quando à hóstia blasfemavas
 E desonravas os santos!
 TAFUL – Cant'eu, sempre ouvi dizer:
 – Quem bem renega bem crê –
 Isto vos faço eu saber;
 E, quando isto não valer,
 Entraremos por mercê.

Vai-se à barca do Paraíso, e diz:

Haverá cá piedade
 De um homem tão carregado?
 ANJO – Mas enfinda crueldade,
 Que ofendeste a Majestade,
 Renegando seu estado.
 TAFUL – Vedes que estava ocupado
 Na gram perda que perdia.
 ANJO – E Deus que culpa te havia,
 Tافل mal-aventurado,
 Sem valia?
 Renegar tão feramente
 Da Emperatriz dos Céus!
 Ó pranta de má semente,
 Arderás no fogo ardente
 Com toda a ira de Deus.
 TAFUL – Má nova é essa pera mim.
 Se assi for como dizês,

Digo que eramá ca vim.
 Porém esperai-me assi,
 Falarei tamalavez.
 Deus não quis hoje nacer
 Por remir os pecadores?
 ANJO – E pois que queres dizer?
 Que só co seu padecer
 Se salvam renegadores?
 TAFUL – A pernetá me forçou,
 Que era senhora de mi.
 DIABO – Mente, que ele se encrinou:
 Nunca estrela renegou,
 Nem tal há hi.
 Sempre jogava o fidalgo,
 Bispo, escudeiro, ou que é.
 COMPANHEIRO – Mestiço de cão e galgo.
 ANJO – Tomai-o, dai-lhe de pé.
 DIABO – Nosso é!
 TAFUL – Estai, imigos! Senhores,
 Deste santo nacimiento
 Não terei alguns favores?
 ANJO – Tafules e renegadores
 Não têm nenhum salvamento.

Saem-se os diabos do batel e com ùa cantiga muito desacordada levam o Taful. E os anjos, cantando, levam o Menino, e fenece esta segunda cena.

FIM

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1997

<http://www.ipn.pt/literatura>
